

A singularidade e a dimensão histórica da Rádio Nacional do Rio de Janeiro

Cristiano Ottoni de Menezes

Inaugurada em 12 de setembro de 1936, a Rádio Nacional do Rio de Janeiro atravessou as décadas de 1940 e 1950 como a emissora de maior alcance e repercussão no país. Sua programação versátil promoveu o diálogo entre as regiões brasileiras, deu visibilidade às formas de expressão musical, ao linguajar e à diversidade de costumes de nossa gente, contribuindo notoriamente para o fortalecimento na população da própria ideia de nação. Apesar de já nos seus primórdios ter sido encampada por um governo autoritário, a emissora foi beneficiada pelas circunstâncias de uma administração colegiada, de caráter democrático, com liberdade para ser mantida por verbas publicitárias e reinvestir lucros na expansão de seus próprios projetos. É importante frisar isso porque foi justamente por ter projetos próprios que a emissora forjou uma identidade, adquiriu um perfil, tornou nítidos os seus contornos, imprimiu sua marca, fez-se perene, como tatuagem, na memória afetiva do povo brasileiro.

A Rádio Nacional do Rio de Janeiro chegou a contar, no auge de sua pujança, com centenas de funcionários, cerca de 700, entre os quais, músicos, maestros, intérpretes, atores, atrizes, locutores, técnicos, repórteres, redatores, corretores, entre outros. Com essa estrutura, com a segurança que proporcionava a seus profissionais, com o apoio de potentes transmissores de ondas médias e estações de ondas curtas, e uma programação ancorada na arte, na cultura popular, no entretenimento e na informação, a Rádio Nacional do Rio de Janeiro tornou-se o maior veículo de comunicação de massa do país, e um dos cinco maiores do mundo.

Mais do que carreiras vitoriosas, os programas de auditório da Rádio Nacional revelaram a riqueza de nossa música popular; consolidaram nossa identidade musical, ecoaram em todo o país.

Nós somos os cantores do rádio,
Levamos a vida a cantar.
De noite embalamos teu sono,
De manhã nós vamos te acordar.

Nós somos os cantores do rádio.
Nossas canções, cruzando o espaço azul,
Vão reunindo, num grande abraço,
Corações de Norte a Sul”

João de Barro e Lamartine Babo

Como diz Luiz Carlos Saroldi, no texto intitulado “Por que a Nacional?” publicado no livro *A Rádio Nacional – alguns dos momentos que contribuíram para o sucesso da Rádio Nacional* (Org. Cláudia Pinheiro. Nova Fronteira, 2005): [...] coube à emissora fundada em 1936 pelo jornal *A Noite* o papel de desbravar novos gêneros, sistematizar a linguagem sonora, levar mais longe e por mais tempo o prestígio do rádio brasileiro. Através de suas ondas médias e três estações de ondas curtas, inauguradas em janeiro de 1943, as antenas da Rádio Nacional do Rio de Janeiro integraram as regiões mais distantes do nosso território e levaram ao mundo sinais de vida inteligente no Brasil – na música, na informação, na dramaturgia, na expressão de sentimentos nacionais.

Com ecletismo, sem receios de inovar, a emissora não se acomodava sob a hegemonia de qualquer segmento. Ao contrário, fazia experiências que se confirmavam nos programas de auditório, nos programas montados (texto, narração, comediantes e música ao vivo), jornalísticos, esportivos e dramaturgia.

O sucesso da Rádio Nacional deve ser creditado ainda ao fato de ter sido confiada a um profissional do ramo. Gilberto Goulart de Andrade, com autonomia para conduzir a emissora, soube construir relações de confiança, investindo na chefia dos diversos setores da rádio os

homens que lideravam o elenco da emissora: Radamés Gnattali, Almirante, Victor Costa, Celso Guimarães, José Mauro e Ary Picaluga. Além disso, como já assinalado aqui, a liberdade para buscar verbas publicitárias permitia a expansão dos projetos, a ponto de programas extremamente populares e rentáveis, compensarem outros, deficitários, porém sofisticados na forma e no conteúdo.

Gilberto de Andrade preocupou-se ainda em proteger a emissora da contratação de pessoas indicadas por autoridades, criando os testes de avaliação para os candidatos. Outra medida de grande importância foi a criação da Seção de Estatística da emissora, que traduzia em números e gráficos a correspondência dos ouvintes, o que sinalizava preferências e orientava agências e anunciantes. Por fim, promoveu a divulgação da emissora, editando uma revista semanal de distribuição gratuita, com os horários de cada atração e seu patrocinador.

Esses são detalhes de uma estrutura bem-sucedida. No entanto, mais do que isso, o desenvolvimento desse processo tem significados que conferem à Rádio Nacional do Rio de Janeiro um recorte todo próprio, uma singularidade que precisa ser protegida, cuidada, preservada. O impacto que produziu na sociedade brasileira no contexto dos anos 1940 e 1950 vai além de sua importância no desenvolvimento tecnológico dos meios de comunicações ou do instrumento político que circunstancialmente possa ter sido. Como veículo de comunicação de massa, de âmbito nacional, num contexto em que 51% da população era analfabeta, a Rádio Nacional mostrou o Brasil aos brasileiros; através da “palavra falada”, consolidou o idioma. Sua programação elaborada criteriosamente, como uma partitura de pulsações, excitou o país, impressionou corações e mentes possibilitando, entre outras coisas, como diz Saroldi, “o florescimento de uma geração de compositores e intérpretes crescidos em São Bento do Una, como Alceu Valença, em Arapiraca, terra de Hermeto Pascoal, na mineira Ponte Nova, de João Bosco, ou em Santo Amaro da Purificação. Influência que iria repercutir em um jovem morador de Ipanema, chamado Antônio Carlos Jobim”.

“[...] Musicalmente, a Rádio Nacional conjugava as sanfonas do Sul, com os xaxados e baiões do Nordeste. Os chorinhos de Ademilde Fonseca, o repertório tradicional de Francisco Alves, Sílvio Caldas e Carlos Galhardo, e as inovações da música urbana carioca, trazidas por Garoto e o Trio Surdina, Os Cariocas, Dick Farney, Valzinho, ou a Orquestra Brasileira, de Radamés”.

A dramaturgia na Rádio Nacional reunia escritores como Oduvaldo Viana, Dias Gomes, Janete Clair, Mário Lago, Giuseppe Ghironi, Moisés Weltman e o “feito em casa” Amaral Gurgel.

Nos elencos, artistas como Paulo Gracindo, Henriqueta Briebe, Zezé Macedo, Isis de Oliveira, Ismênia Santos, Saint-Clair Lopes, Gracindo Jr, Rodolfo Mayer, Lourdes Mayer, Roberto e Floriano Faissal, entre outros. A esses profissionais, juntavam-se contrarregras, como Geraldo José que, posteriormente, Nelson Pereira dos Santos levou para o cinema, ou Jorge Bico, que se esmeravam na arte de reinventar sons. Além de Geraldo José, a Rádio Nacional deu ao cinema brasileiro muitos outros artistas e até programas de rádio que inspiraram filmes como, *Obrigado doutor*, de Wilson Macedo, baseado em argumento de Paulo Roberto, com Paulo Gracindo no papel principal.

No teatro, Nelson Rodrigues, apropriando-se das técnicas do rádio, escreveu *Vestido de noiva*, intercalando o texto com intervenções sonoras e vozes ampliadas.

Em artigo publicado na revista eletrônica *Caligrama*, da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo – ECA/USP, sob o título “A Rádio Nacional, a Rede Globo e outros cacós metonímicos do Brasil a serem colados”, Alex Chagas Vieira, ao comentar sobre os conteúdos exibidos diariamente pelas redes brasileiras de televisão, fala dos [...] *elementos fundadores do imaginário audiovisual brasileiro, os mesmos que fizeram da Rádio Nacional PRE-8, a mais poderosa emissora do país, nos anos 40 e 50. E para trilhar tal linha de raciocínio, é crucial partir do pressuposto de que a Nacional cristalizou uma série de estruturas auditivas em nosso imaginário. Uma hipótese passível de abordagem é a de que estas evoluíram para estruturas propriamente audiovisuais através, por exemplo, da Rede Globo de Televisão, empresa que herdou da Nacional parte de seu elenco técnico e artístico, além do próprio público e da conformação de nosso repertório de referências culturais. [...]*

muito anterior ao Projac, era o prédio da Praça Mauá a primeira fábrica de sonhos do Brasil, onde estava em curso a famosa escola de profissionais do entretenimento, de técnicos a cantores, de sonoplastas a atores, trabalhando com a maior estrutura de produção vista até então; antes que a TV Globo produzisse seus programas esportivos, jornalísticos e de entretenimento, carros-chefe de sua grade atual, a Rádio Nacional já exibia o Repórter Esso, radionovelas como O direito de nascer e programas dominicais como Coisas do arco da velha. Sem contar que a primeira experiência com televisão na América do Sul foi realizada na própria Nacional, em 1946.

Alex Chagas Vieira nos remete ainda à raiz carioca da Rádio Nacional ao afirmar que *investigar as origens da mística da Cidade Maravilhosa no imaginário radiofônico é essencial para se compreender que percurso esses elementos estritamente auditivos percorreram até se tornarem audiovisuais; afinal, são eles que compõem o discurso com o qual a rede Globo aporta nos milhões de televisores de nosso país. Esse discurso pode ser entendido como uma forma de cultura audiovisual que parece estar imbuída do mesmo mito de fundação da identidade nacional, propagado ainda pela rádio, na voz de Aurora Miranda, que cantava o Rio de Janeiro como coração do meu Brasil.*

É incontestável a grandeza histórica da Rádio Nacional. Hoje, o contexto é outro. O vertiginoso desenvolvimento tecnológico contribui para a proliferação e crescente sofisticação dos meios de comunicação. A comunicação eletrônica dos dados, a internet e seus desdobramentos, inaugura um novo ciclo em que todos passam a interagir, publicando e gerando conteúdo. Por isso mesmo, é de fundamental importância que a Rádio Nacional do Rio de Janeiro, uma senhora rádio, com 70 anos de idade, tenha a sua singularidade, o seu recorte protegido, para que permaneça, não como uma lembrança nostálgica, mas como memória viva, referência histórica de um processo que permanece e, a partir de sua memória, garanta o chão para os possíveis desdobramentos, fertilize o solo para a renovação de seus frutos. Hoje, no mesmo auditório e nos mesmos estúdios onde brilharam intérpretes, músicos, maestros, atores, atrizes, humoristas e locutores, novos artistas, radialistas e jornalistas empenham-se no processo de revitalização da emissora. Programas de auditório têm sido realizados com artistas significativos, como o Conjunto Época de Ouro e convidados especiais como Paulinho da Viola, D. Ivone Lara, Beth Carvalho, Wilson das Neves, Éltton Medeiros, Roberto Silva, Nilze Carvalho, Noca da Portela, a Orquestra Furiosa da Escola Portátil de Choro e Néelson Sargento, entre outros. A cantora Dorina, expressão legítima do samba carioca, recebe artistas como Monarco, Arlindo Cruz, Dudu Nobre, Walter Alfaiate, Velhas Guardas das Escolas de Samba, Luís Carlos da Vila, Mauro Diniz, e muitos outros. Geraldo do Norte, com seu Tabuleiro do Brasil, garante a diversidade e também a legitimidade da música regional de todo o país. Zé Zuca, com a Rádio Maluca, programa infantil de auditório, realiza a proeza de lotar o auditório nas manhãs de sábado e formar uma nova geração de ouvintes de rádio. Enfim, muitos esforços são feitos no sentido de revitalizar a Rádio Nacional do Rio de Janeiro. Hoje já não lembramos apenas as grandes apresentações dos anos 40 e 50, mas as de ontem, ou da semana que passou.

No entanto, nada estará garantido, se providências estruturais não forem tomadas, de modo a proteger a pluralidade de sua programação, a singularidade da emissora.

A handwritten signature in black ink, appearing to read "C. Stanislau". The signature is fluid and cursive, with a long horizontal stroke at the end.